

É POSSÍVEL HARMONIA ENTRE CIENTIFICISMO E ESPIRITUALISMO?

It is possible harmony between scientism and spiritualism?

Luiz Fernando Bandeira de Melo ^(*)

Resumo

A perspectiva de aproximação entre a ciência e a religião é factual nos tempos hodiernos. Uma busca em trabalhos acadêmicos, principalmente filosóficos, mostra a quantidade e transparência de textos que apresentam essa proximidade. Nossa proposta aprecia a ideia de que já não existe um “abismo” entre esses temas, delimitando esta discussão a alguns pontos de interseção dos temas apreciados, alicerçando-os nos ensinamentos de Jesus e em observações nos textos da filosofia espiritual encontrada na doutrina que o Sr. Rivail codificou, o Espiritismo, considerando este como uma ciência de observação. Assim, ordenei incursões em pontos de conhecimento da ciência e da espiritualidade que possibilitem responder: Religião e Ciência são temas harmônicos?

Palavras-chave: Religião. Ciência. Conhecimento. Harmonia.

Abstract

The perspective of approach between science and religion is factual in the times today. A search in scholarly works, mainly philosophical, shows the quantity and transparency of texts which exhibit this proximity. Our proposal appreciates the idea that there is no longer a "chasm" between these themes, delimiting this discussion at a few points of intersection of the subjects assessed, based on the teachings of Jesus and in observations in the texts of spiritual philosophy found in the doctrine that Mr. Rivail codified, the Spiritism, considering this as a science of observation. So, I ordered forays into knowledge points of science and spirituality that make it possible to answer: Religion and Science are harmonic themes?

Keywords: Religion. Science. Knowledge. harmony.

1 INTRODUÇÃO

A perspectiva de aproximação entre a ciência e a religião é factual nos tempos hodiernos. Uma busca em trabalhos acadêmicos, principalmente filosóficos, mostra a quantidade e transparência de textos que apresentam essa proximidade. Estaremos explorando por demais o espaço e o tempo do leitor, se nos detivermos na exposição e apreciação de tais manuscritos, não é esta nossa pretensão. Objetivaremos posicionar nossa proposta numa apreciação sobre a ideia de que o ‘muro’ existente entre os pensadores desses temas pode ser dissolvido numa parceria harmônica. Para não

^(*) Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia. Doutorando em Filosofia na Universidade de Coimbra (Portugal), na área de Filosofia da Religião. **Email:** lfbandeirademelo@gmail.com

expandir o ângulo descritivo do que apresento, delimitarei esta discussão ao ponto de intersecção que crucialmente obsta um amigável entendimento entre as crenças personalizadas dos temas apreciados, apresentando para tanto o que denomino de espiritualidade racional, para unir as teses singulares dos praticantes da Ciência e da Religião, aliviando o atual separatismo que assistimos entre essas ideias.

Cotejando itens dos ensinamentos morais-espirituais de Jesus que foram absorvidos e divulgados pelo cristianismo, e postando citações da filosofia espiritual encontrada na doutrina que Hippolyte Léon Denizard Rivail codificou e considerou como uma ciência de observação¹, com o nome de Espiritismo, mostrarei que a harmonia pretendida tem sua consolidação com a quebra dos impasses daquelas crenças individualizadas. Para tal, ordenei incursões em pontos do materialismo e da espiritualidade que possibilitem alguns parâmetros seguros para a conclusão do que pretendo responder: Qual a interatividade existente entre fé e razão? Filosofia e Religião possuem argumentos comuns? Ciência e Espiritualidade são temas harmônicos?

A afirmação de Albert Einstein “A ciência sem a religião é paralítica e a religião sem a ciência é cega”², provocou em mim algumas reflexões para compreender o que havia de subjacente na frase do gênio humano que foi aquele cientista austríaco. Não busquei aqui, anotar argumentos sobre a provocação filosófica da frase, mas fundamentar uma espiritualidade científica apesar das enormes dificuldades que esta empreitada proporciona a quem nela se arvora. Para isto posto, vemos transcender das mais ilustres mentes científicas, filosóficas e religiosas, transpirações em teses que se apresentaram desde os primeiros ditames da medicina e as teorias da criação do mundo, à atual chegada da teoria quântica, incentivando contrárias especulações no mundo acadêmico.

A espiritualidade e a ciência caminham em searas distintas mas há de se convencer todos, que apresentam resultados comuns para o bem da humanidade, acima, sobretudo, das questões materialistas ou espiritualistas individualizadas que povoam em suas ordens de pensamento. Esperanças nascem para que ilusões prosaicas envolvidas em formas ritualísticas e místicas sejam vencidas por argumentos não falacianos que

¹(KARDEC, 2005c, p.134) *O Que é o Espiritismo*, texto publicado por Allan Kardec objetivando dar explicações sobre questões surgidas com a edição de “O Livro dos Espíritos”. Allan Kardec foi o pseudônimo usado pelo Sr. Rivail para editar seus livros sobre a codificação do Espiritismo.

²Frase atribuída a Albert Einstein, que compõe a epígrafe do capítulo “Bioética e Religião” do livro “Problemas Atuais de Bioética”, de Leo Piscina e Christian de Paul de Barchifontaine. Também encontrada em *Science, Philosophy and Religion, A Symposium*, publicado pela Conference on Science, Philosophy and Religion in Their Relation to the Democratic Way of Life, Inc., New York, 1941.

estruturarão novas perspectivas de princípios alvissareiros, tornando plausível e conciliadora a convivência dessas duas áreas do conhecimento. Princípios esses objetivados por este artigo e afastados das crenças personalizadas.

Jesus com toda a autoridade de sua palavra, não foi um simples legislador moral ou cumpridor das leis da Natureza, pois, em missão divina, além de ensinar aos homens a salvação através do fazer o bem ao próximo – a lei maior, mostrou que a verdadeira vida não é a que transcorre na materialidade, mas sim a que é vivida no Reino de Deus. Entretanto, não disse tudo, se limitando a lançar os germens de verdades que, segundo Ele mesmo, ainda não podiam ser compreendidos pela humanidade que receberia o consolador em tempo propício:

Se me amardes, guardareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai e ele vos dará outro Ajudador³, para que fique convosco para sempre, a saber, o Espírito da verdade, o qual o mundo não pode receber; porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque ele habita convosco estará em vós. (BÍBLIA, Jo, 14:15 a 17 – 2014, p.691/692).

Jesus apresenta em termos implícitos a serem apreendidos na posteridade, o mister que se fez das novas ideias que trouxe, mas que não podiam emergir antes que o homem houvesse alcançado um nível mais elevado de conhecimento espiritual e científico. Para tanto, ambos, a Ciência e a Espiritualidade precisariam contribuir firmemente no desabrochar e crescimento de tais ideias. Fez-se necessário, então dar tempo ao tempo, deixando que o progresso dessas áreas do conhecimento se fizesse mais presente no seio da humanidade.

Com o exposto, defendo a não contradição entre a espiritualidade e a ciência no referente ao bem que idealizam para a humanidade, por entender que, apesar de uma estar vinculada às leis morais que regem o comportamento humano e a outra se posicionar substancialmente presa ao materialismo necessário aos homens, harmonizo seus objetivos em princípios universais de inteligência e conhecimentos subordinados a leis divinas de prosperidade, conhecidas como as leis da Natureza, ou seja, as leis de Deus. Assim, uma não pode ser a negação ou privação da outra, mesmo sendo suas verdades comprovadas por seus axiomas e experiência paradigmáticas. Estas mesmas verdades as alia aos desígnios de progresso do Pai Celestial, proclamados pelo seu filho maior na Terra, Jesus, como o evangelista João nos informou na citação anterior.

³ *Parákletos* – segundo o tradutor, “alguém chamado ou enviado para prestar auxílio, consolar, confortar; defensor do réu (advogado); intercessor; alguém que exorta, instrui”. (BÍBLIA, 2010, p.447).

2 CIENTIFICISMO E ESPIRITUALISMO

Filosoficamente, segundo o *Michaelis*, o Cientificismo é uma “Doutrina que se funda nos conhecimentos científicos, relegando a um segundo plano as especulações transcendentais” (MICHAELIS, 1998, p.497), sendo, portanto, esta, uma concepção positivista que apresenta uma suposta superioridade sobre os demais pensamentos espirituais e metafísicos, pretendendo ser a única ordem filosófica capaz de apresentar praticidade cognitiva real, o que discordo, pois a cognição se faz presente de forma intensa e inexorável também nas reflexões e observações do mundo espiritual. Quanto ao Espiritualismo, o mesmo *Michaelis* o conceitua como sendo uma “Doutrina filosófica que tem por base a existência da alma e de Deus” (MICHAELIS, 1998, p.876), conceituação que acato sem restrições, inclusive por sua abrangência.

Partindo da aceitação dessa premissa, vemos que a Ciência, em sua cientificidade, apresenta uma curiosidade nata que coincide, pela própria definição, na busca de soluções para questões em que a espiritualidade está presente. Mas, por motivos exclusivistas, quando se depara com um fenômeno que não compreende, cuja explicação pode apresentar algo espiritual, considera-o não cognitivo e o abandona, atestando que qualquer consideração sobre tal fenômeno pode tratar-se de especulações infrutíferas. Esta atitude contradiz a própria natureza emblemática da ciência, em si mesmo, pois sua existência decorre da curiosidade e insistência pela busca do não conhecido, o hipotetizado. Tal comportamento reflete uma imposição pela aversão radical às experiências inusitadas de cunho espiritual, e conduz seus pesquisadores a uma ‘apatia enfermiza’, induzida pela crença engessante do materialismo. Assim, é necessário abordar todos os fenômenos sob todos os aspectos, sem o desprezo das observações, independentemente de hipóteses anteriores já coaguladas em conclusões pré-existentes, ou seja, precisam ver com os olhos de ver, seguindo a prerrogativa aconselhada por Jesus: “Por isso, lhes falo por parábolas; porque eles, vendo, não veem; e ouvindo, não ouvem nem entendem” (BÍBLIA, Mt,13:13 – 2014, p.429).

Já afirmamos que a busca da harmonia entre a Ciência e a Religião é o propósito deste estudo. Mas não se trata aqui, de usar sentimento conceitual ou observacional para gerar o entrosamento dessas duas ordens de pensamento, mas encontrar uma solução racional no intento de proporcionar compatibilidade entre suas conclusões. Preciso

esclarecer, porém, que nesta abordagem desconsidero apenas o sentimento quando se faz presente pela exibição de emoções sentimentalistas, mas acato todo aquele que representa a disposição de se impressionar com as observações e descobertas do novo, do desconhecido, isento dos preconceitos que as comoções sugerem.

Num esforço para observar as opiniões contrárias presentes na Ciência e na Religião, percebo que ambas têm como fundamentos que as alavancam para o progresso, leis individualizadas em âmbitos particulares e extremistas em suas abrangências, mas que são provenientes e dependentes de um princípio comum, seja na materialidade do cientificismo ou na moralidade do espiritualismo. Princípio este inarredável que é Deus e suas leis divinas. A incompatibilidade de opiniões, estacionárias em ambas as partes pode ser creditada a observações individualistas que geram incredulidade e intolerância redundantes em seus casulos, cujas crenças não oportunizam a abertura ou transparência natural dos limítrofes entre o materialismo e o espiritualismo.

Daí o conflito inarmônico que vivenciamos há séculos, oriundo da inobservância das verdades contidas nos ensinamentos de Jesus como aponta Allan Kardec:

São chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo têm de ser completados; em que o véu intencionalmente lançado sobre algumas partes desse ensino tem de ser levantado; em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, tem de levar em conta o elemento espiritual e em que a Religião, deixando de ignorar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, como duas forças que são, apoiando-se uma na outra e marchando combinadas, se prestarão mútuo concurso. Então, não mais desmentida pela Ciência, a Religião adquirirá inabalável poder, porque estará de acordo com a razão, já se lhe não podendo mais opor a irresistível lógica dos fatos. (KARDEC, 2005a, p.65).

Concordo, portanto, com a necessidade de um hífen para aproximar e harmonizar o cientificismo e o espiritualismo, traço de união que deve estar condicionado às leis regidas pela universalidade do amor incondicional de Deus, leis de espiritualidade que alicerçam as leis imutáveis das existências das coisas, e que envolvem toda a materialidade científica e a moralidade espiritualista. Essa relação trará o convívio que levará a fé dirigir-se à razão e vice-versa, superando o que de ilógico acompanha os passos que separam as crenças sublimadas pelos pensamentos ensimesmados dos representantes de cada uma dessas ordens delineadoras do progresso humano.

Dessa experiência de cumplicidade surgirá a luz divina e harmônica no escuro abismo que supostamente as separa a dezenas de séculos, marcando uma nova era de intenso progresso para a Humanidade já predito por Aquino, quando afirmou que o conhecimento progride pelo seu ‘modo de saber’, o que interpreto como um progresso isento dos personalismos científico e espiritual, mas harmonicamente unidos para um fim comum ao homem, o bem:

Adão, relativamente à ciência das coisas naturais, que se podem conhecer, não progrediria quanto ao número das coisas sabidas, mas quanto ao modo de saber; pois, o que sabia pela inteligência, saberia, depois, pela experiência. Relativamente, porém, aos conhecimentos espirituais, progrediria mesmo quanto ao número, por meio de novas revelações; assim como os anjos progridem por novas iluminações. Mas não há símile entre o progresso no mérito e o na ciência, porque um homem não é o princípio do merecimento de outro, como é o da ciência. (AQUINO, 2017, p.781).

A harmonia entre os intelectos científico e espiritual está, assim, claramente admitida e esclarecida por Santo Tomás de Aquino em desde sua questão 94 da *Suma Teológica*, quando a mostra iniciar-se com o conhecimento do estado e da condição simbólica do primeiro homem descrito pelas Escrituras, Adão. Tal harmonia não é percebida quando tentamos delinear a possível comunhão de ideias que são conflitantes, e cujas arestas ainda não estão aparadas pela incompreensão concebida entre elas essas duas áreas de pensamento.

Antes de continuar, devo alertar para o que entendo sobre o termo crença e o que penso da influência que uma crença pode ter nesse conflito ideológico que exponho. Mais uma vez o *Michaelis* me ajudará a esclarecer a linha reflexiva que adoto. Aquele glossário nos permite identificar, ao definir o verbete crença, que este tem, entre suas significações, a possibilidade de ser “uma opinião que se adota com fé e convicção” (MICHAELIS, 1998, p.607). Com este conceito considerado como válida, a crença está inserida tanto na Ciência como na Religião, uma vez que seus colaboradores aceitam convictamente as conclusões oriundas de cada uma de suas experiências, sem aventar uma possível interveniência de ideias exterior, principalmente as comuns entre áreas tão díspares.

Assim sendo, os cientistas e os religiosos assumem suas crenças mediante aquilo que acreditam, seguindo seus parâmetros de verdade. Não estou falando de fé, uma das virtudes teológicas. Para melhor esclarecer necessito apresentar também a distinção, no meu entender, entre a crença e a fé. Utilizo o dicionário filosófico de José Ferrater

Mora, quando cita, do texto *Leçons de Psychologie*, atribuído ao aluno de Henri Bergson, Désiré-Auguste Roustan, uma das três distinções que assume o verbete ‘crença’: “A crença é a adesão de uma ideia, a persuasão de que uma ideia é verdadeira. Todo juízo formula então algo a título de verdade” (MORA, 2001, p.605 – Tomo I). Para a palavra fé, atendo, ainda em Mora, a sua inferência ampliada para a compreensão do termo ‘crença’ em relação ao termo ‘fé’:

Não se trata de um mero costume terminológico quando se usa ‘fé’ para designar algo distinto da ‘crença’. Dos vários exemplos possíveis aqui, mencionamos quatro. Um deles é o que atribui a ‘crença’ um significado mais amplo que a ‘fé’. Nesse caso, a crença é tomada como asserção – com convencimento íntimo da verdade e até da evidência desta – de caráter muito geral, dentro da qual a fé é considerada uma variante religiosa. (MORA, 2001, p.1006 – Tomo II).

Por isto nos deparamos com pensadores que admitem na sua crença, visões controversas transeuntes entre o materialismo e o espiritualismo como por exemplo a aceitação da origem não-física para a criação da matéria e da energia sem preconceito algum – admitindo assim, a crença espiritualista – mas que, depois da criação de todas as coisas essas geram, segundo esses mesmos pensadores, fenômenos tratados e ou oriundos exclusivamente de processos físicos– subordinando-se então à crença materialista. Desta maneira, o cientificismo apresenta pensamentos enclausurados pelas crenças materialistas, baseando suas descobertas unicamente em experiências físicas que desconsideram peremptoriamente as interferências espirituais, mas que suas origens são de cunho espiritualista. Por que não harmonizar essas ideias?

Notamos aqui, um comportamento deísta ou espiritualista para a criação, porém físico ou materialista para os fenômenos posteriores, que já acusamos na postura de Albert Einstein com suas fenomenais descobertas científicas, mas apresentando um perfil íntimo que denota sua crença religiosa, como encontramos em frase sua, na biografia exposta por Walter Isaacson: “Qualquer pessoa que se envolve seriamente no trabalho científico acaba convencida de que existe um espírito que se manifesta nas leis do universo”, (ISAACSON, 2007, p.398) e adiante: "Acredito no Deus de Espinosa, que se revela na harmonia bem-ordenada de tudo o que existe; mas não acredito num Deus que se ocupe com o destino e as ações da humanidade." (ISAACSON, 2007, p.399). Vejo nessa última citação sobre Einstein, a confirmação do que entendo como a crença que proporciona a harmonia desejada entre o cientificismo e o espiritualismo, ou seja, pesquisas vinculadas a uma crença materialista, mas com a compreensão da

criação e interferência dos fenômenos, subordinados à espiritualidade, objetivando o fim alvissareiro componente das ideias teleológicas que buscam o bem como propósito único para a humanidade.

Não posso descarregar toda a responsabilidade da desarmonia no cientificismo. Vejo claramente a religiosidade também sendo consumida pelo eclesiasticismo, “afeição excessiva a formas, métodos e práticas eclesiásticas” (MICHAELIS, 1998, p.759), individualizando como Eclésias gregas, fechadas em suas decisões monocráticas, as suas crenças individualizadas em eclusas secas que não oportunizam a outras denominações cristãs e coirmãs, o intercâmbio de ideias. Mas temos uma porta aberta, mesmo que estreita, para o diálogo ideológico, o ecumenismo, que já atravessou algumas barreiras religiosas, mas ainda está preso às burocracias de ideais que empanam o conagraçamento interdisciplinar entre as religiões. Assim, não duvido que o espiritualista racional, cujos pensamentos estão voltados ao seu criador, Deus, é signatário de forma intrínseca do significado do termo ‘religião’ que define esse homem como possuidor de um “Sentimento consciente de dependência ou submissão que liga a criatura humana ao Criador” (MICHAELIS, 1998, p.1810).

O abismo que mencionei anteriormente pode ser de alguma forma apreciado hodiernamente como supostamente intransponível entre o espiritualismo e o cientificismo onde cada representante destas ideias não coaduna com os fatos opostos, fazendo premente a distinção entre experiências distintas. Neste âmbito reflexivo, considero como irracional o preconceito científico ensimesmado pelo materialismo-crença que ignora as propostas do espiritualismo-crença, ou vice-versa, e ainda como antiético o encapsula mento gerado pelo pensamento do espiritualismo-crença que não considera os avanços da ciência. Isto tudo, devido as crenças tradicionalistas que agem em *modo operandi* ameaçadoras aos alicerces ideológicos contrários, forjam pensamentos falaciosos e sofistas. Serve como exemplo para essas disputas ideológicas, as ocorrências estapafúrdias que se verificou entre os darwinistas e os criacionistas, abstraindo de maneira prejudicial, por algum tempo, a harmonia vicejante que as duas ordens de pensadores, intimamente devem buscar para a união das ideias. Como proponho.

Portanto, posso apontar: assim como a religiosidade possui um comportamento espiritualista-crente, o cientificismo assume um posicionamento materialista-crente, mas que estão sendo desestigmatizadas ao longo do tempo, conforme a previsão do criador de todas as coisas, Deus. Lembro, no entanto, que minha proposição não

considera a eliminação dos ritos e cultos religiosos e muito menos as experiências científicas. Ambos são necessários na preservação prática que identifica essas ordens de pensamento, assim como mantêm suas continuidades.

3 A RELIGIOSIDADE RACIONAL COMO VEÍCULO PARA A HARMONIA IDEOLÓGICA

Nessa perspectiva que inferi sobre a crença, considero que a religiosidade atual, monopolizada pela maioria absoluta do monoteísmo⁴, apresenta características fortes de uma espiritualidade-crença, uma vez que em suas trincheiras muitos colaboradores e dirigentes defendem paradigmas que isolam de suas reflexões a racionalidade científica, mantendo a fé religiosa como único argumento para fundamentar seus dogmas, distanciando-se, pois, da Ciência. O fundamentalismo, aliado à necessidade incompreensiva de manter o maior número de adeptos, provoca a preponderância de ideias separatistas em sua vinha. Não me reporto aqui ao fundamentalismo de grupos radicais, mas ao fundamentalismo que impede uma ideia de aceitar propostas para a melhoria de suas conclusões. Mantenho firme este argumento mediante as atrocidades que presenciamos, distantes dos objetivos religiosos dos cristãos deixados pelos ensinamentos de Jesus, ocasionadas por pequenas facções fundamentalistas dentro das instituições religiosas, que mancham a memória e a base de suas origens que buscam sempre a religião do homem a Deus.

A harmonia que proponho para a espiritualidade e a ciência, pressupõe inicialmente um esforço de compreensão entre ambas, e para tanto a necessidade de um espiritualismo racional que ajudará na diluição da ideia de divisão que apresentei com existência do que concebo como espiritualismo-crença e materialismo-crença. Uma racionalidade implantada com toda sua força argumentativa no seio da religiosidade, alimentará a disposição de fé no homem, proporcionando uma cosmovisão menos subordinada às crenças impositivas desarmônicas entre as instituições religiosas e científicas. Um único Deus guia a humanidade, mas a impregnação de crenças separatistas as impregnam no impedimento de uma aproximação mais harmônica. Por

⁴Ver Wikipédia, acessado em 22/5/2018 <http://pt.wikipedia.org/wiki/principais_grupos_religiosos>. “De acordo com *The World Factbook*, elaborado pela CIA com dados de 2012, os sistemas religiosos e espirituais com maior número de adeptos em relação a [população mundial](#) são: [cristianismo](#) (28%); [islamismo](#) (22%); [hinduísmo](#) (15%); [budismo](#) (8,5%); [pessoas sem religião](#) (12%) e outros (14,5%).

entender que a religiosidade está mais preparada é que sustento o início da harmonia por essa ordem de pensamento.

Por que afirmo que a harmonia material e espiritual depende mais da religiosidade? Considero seu principal vetor, a tolerância, virtude que habita no âmbito do pensamento religioso, conhecida e mantida pela maioria dos seus adeptos que com ela poderão levar exemplos de compreensão sobre os homens com a racionalidade endurecida pelo pensamento materialista, vivenciado com mais persistência na ciência, e que impede, na maioria das vezes, os sinais de aproximação entre ambas. Afastando-se do fundamentalismo encontrado em algumas seitas e até nas fileiras cristãs, a religiosidade apresentará com tolerância satisfatória de convencimento, a racionalmente da existência e total interferência de Deus em todos os fenômenos científicos. Mostrando que tais fenômenos estão sempre subordinados às leis divinas que regem o Universo, pois estas estão presentes em todos os argumentos ou parâmetros questionáveis pelo cientificismo, por mais crente e também fundamentalista que suas razões, estritamente materiais, possam refutar.

Testemunhamos continuamente alguns exemplos que traz em um horizonte de aproximação entre essas duas ordens de pensamentos, o espiritualismo e o cientificismo, como o da Doutrina dos Espíritos. Em meados do século XIX, foi codificado o Espiritismo pelo Sr. Allan Kardec, com a proposta de ser uma doutrina religiosa, alicerçada em ideias filosóficas e científicas. Religiosa por manter o propósito de toda religião, o de ligar o homem a Deus; filosófica por tratar do “estudo geral sobre a natureza de todas as coisas e suas relações entre si; os valores, o sentido, os fatos e princípios gerais da existência, bem como a conduta e destino do homem” (MICHAELI, 1998, p.960); e científica quando busca mostrar experimentos de aproximação entre o mundo espiritual e o mundo material de forma condizente com os parâmetros utilizados pela ciência.

Numa interferência meramente argumentativa, lembramos os três aspectos do Espiritismo, que me autorizam a identificá-lo como um representante dessa corrente de espiritualismo racional que reporte anteriormente. Aécio Pereira Chagas, no prólogo do texto *Introdução à Ciência Espírita*, esclarece:

O espiritismo é uma doutrina com aspectos científicos, filosóficos e religiosos, sendo que o primeiro, o fundamental, permitiu o estabelecimento lógico dos outros dois. O aspecto religioso, por outro lado, é o mais importante, uma vez que

o objetivo primordial da doutrina espírita é a melhoria moral do ser humano”. (CHAGAS, 2004, p.9).

Assim, posso inferir de outra maneira os três aspectos do Espiritismo:

1 – Como religiosidade, todo o escopo do Pentateuco apresentado pelo seu codificador está direcionado e considerado nos exemplos de Jesus, marco inicial do Cristianismo, tornando seu aspecto de religiosidade, visível, mas não considerado como uma religião de fato por não manter uma institucionalidade hierárquica, apesar de possuir representações regionais e nacionais.

2 – A filosofia está formalizada em todo o conteúdo explicativo sobre a existência, procedência e finalidade do homem, considerando sua relação entre seus semelhantes, o mundo espiritual e Deus.

3 – Quanto ao aspecto científico, já existem algumas experiências que estão sendo realizadas por representantes da ciência, buscando verificá-las no âmbito rigoroso das suas exigências. Como exemplo, entre outros, relembramos os experimentos Scole, que durante cinco anos produziram experiências paranormais⁵.

Pelo que apresentamos, assinalo que a desarmonia é um produto insidioso da controvérsia caprichosa que o homem alimenta há séculos, pelas divergências de objetivos encontrados entre a espiritualidade e a ciência, mesmo com a intenção do bem comum, mas distante da ideia de amor no resultado. A Ciência, em especial se perpetua como um conjunto de afirmações que buscam uma tese material final, supostamente possuidora da sabedoria inabalável de suas experiências, mas que não atentam para um acervo de revelações que a religiosidade possui para ajudar e até modificar a sua certeza, repleta desse amor sublime.

Essa é a harmonia que reputo vitoriosa pela aceitação de um simples gesto de entendimento em busca do auxílio mútuo que transformará o relacionamento que se configura comumente como antítese de pensamentos. Essa antítese é um explícito sinônimo de ausência, nas fronteiras desses pensamentos supostamente antagônicos, do amor incondicional proposto nos ensinamentos de Jesus e aderido pela religiosidade, com único fundamento para desinstalar as bases heteronômicas das crenças que aniquilam as possibilidades de harmonia entre espiritualidade e materialidade pretendida não só por mim, mas certamente pelo universo pensante da vivência na Terra.

⁵Ver as experiências científicas sobre a vida após a morte expostas no livro *O Experimento Scole* de Grant e Jane Solomon.

A liberdade ou livre-arbítrio que possuímos para aceitar ou não tudo o que percebemos pelos nossos cinco sentidos, é o que permeia e limita a harmonia entre a religião e a ciência, mas não autoriza a crença no ‘acaso’, grande dificultadora da aproximação que sugiro. Esse ‘acaso’ inadvertidamente defendido pelo cientificismo, é a negatividade explícita da existência das leis divinas. Um ‘crasso engano’.

4 A EXISTÊNCIA DE DEUS É A HARMONIA QUE APRESENTO

Existe incompatibilidade entre as ideias morais e materiais no que se refere aos resultados preteridos? Respondo negativamente e defendo como premissa a tese harmônica entre as finalidades dessas ordens conceituais. O excesso de exclusivismo subjuga a intolerância e a incredulidade, geradores dos conflitos que assistimos na história da humanidade potentados em separado pelos defensores ferrenhos que habitaram e ainda habitam as fileiras das defesas teóricas dessas duas colunas de pensamento.

Vivemos atualmente em tempos cujos ensinamentos do Cristo Jesus precisam ser descortinados de suas crenças, e onde o véu intencional do exclusivismo está se levantando cautelosamente em direção à harmonia de conhecimentos sob as leis divinas. Faz-se necessário que a Ciência leve em conta os elementos espirituais que regem as leis materiais e a Espiritualidade se revele crente das leis orgânicas e imutáveis que amparam a evolução do homem. A união desses conhecimentos está na relação recíproca entre as leis morais ou espirituais e as da corporeidade, convenientemente universalizadas no único propósito de progresso dos seus beneficiários, o ser humano.

Na ‘crença’ encontramos uma afirmação tida como verdade, mas esta verdade precisa de parâmetros específicos a serem pretendidos como premissas de uma proposta conclusiva para a credibilidade que desejamos afirmar perante a incontestabilidade da nossa verdade pessoal e intransferível que é a existência de Deus. Ao vislumbrarmos as hipóteses que elencamos para contextualizar um propósito, sejam elas espiritual ou material, necessitamos situá-las num ambiente harmônico onde a interatividade entre essas áreas de conhecimento não estejam conflitantes no que concerne ao resultado pretendido, sob a regência das leis divinas.

Assimilando as sugestões expostas, como podemos harmonizar espiritualmente e cientificamente a realidade da existência de Deus? Antes de apresentar as hipóteses,

preciso harmonizá-las a um resultado não conflitante, dessa maneira sugiro o entendimento de Deus como o Ser excelso e único criador de todas as coisas e leis da Natureza, sejam elas morais ou materiais. Partindo desta premissa indubitável e da harmonização que proponho, alinho a seguir algumas hipóteses, de forma superficial e submissa aos incontestáveis estudiosos sobre a questão: Deus existe?

São muitos os [argumentos](#) pró e contra a existência de [Deus](#)⁶, e existem concebidos nas várias áreas do conhecimento, em especial filósofos, teólogos e cientistas. De forma [epistemologica](#) e [ontologica](#), os filósofos trouxeram contribuições de inegável valor para a história da humanidade, onde destacamos a cosmologia apresentada por Platão e seu discípulo Aristóteles. Lembro ainda que as reflexões filosóficas sobre o assunto estão disseminadas por vários pensadores, mas, de modo pessoal e espiritual utilizaremos as sugestões de Santo Tomás de Aquino da “Suma Teológica” e as de Allan Kardec em “O Livro dos Espíritos”.

Partindo de Aristóteles, São Tomás de Aquino estabeleceu cinco premissas para conceber a existência de Deus verdadeiras à luz da razão. Chamando de vias essas premissas, Aquino as definiu como vias de: Movimento; Eficiência; Contingência e necessidade; Perfectibilidade; Governabilidade e Finalidade das coisas. É notória a sustentação deste raciocínio quando visto pela lei de causalidade herdada da filosofia grega.

Observando a mesma questão da existência de Deus em Kardec, a questão primeira de “O Livro dos Espíritos” satisfaz como conclusão para as exigências das premissas de Aquino: “Que é Deus? Resposta – Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas” (KARDEC, 2005b, p.73). Consolidando esses argumentos, posso destacar Deus como o único ser divino cuja inteligência suprema causa e justifica todas as vias exigidas por Tomás de Aquino.

Por outro lado, a Ciência apresenta várias opções para estudarmos a existência de Deus, sendo todas elas embrionárias no aspecto experiencial. Não temos a consolidação das teorias apontadas pelas mais nobres inteligências científicas. Dentre as conhecidas apontarei algumas: Teoria da sintonia fina do Universo.

Argumento plausível esse da sintonia fina, que conclui pela existência de um ser de inteligência suprema e causador primeiro de tudo que existe no Universo. Aponta

⁶Inúmeras são essas discussões, ver os pensadores René Descartes; [Immanuel Kant](#); [David Hume](#), Friedrich [Nietzsche](#); [Bertrand Russell](#); [Daniel Dennett](#); Richard Swinburne; [William Lane Craig](#); e [Alvin Plantinga](#). E os cientistas [Stephen Hawking](#), [Richard Dawkins](#) e [John Lennox](#).

esse pensamento pela impossibilidade da existência da vida ou de qualquer outra coisa sem a interferência do que chamam os cientistas de *Plenum Cósmico*, na sintonia extremamente fina entre as quantidades e constantes do universo que é de tal precisão que seria impossível a existência das coisas sem a sua perfectibilidade. Ou seja, tudo que existe no Universo está subordinado a leis imperecíveis de absurda perfeição, onde é imaginável a existência de algo que não esteja abrangido por estas leis. E o único entendimento entre esses cientistas é que essa sintonia tenha uma criação inteligente⁷.

Fred Hoyle publicou a "Teoria do Universo Estacionário" em 1948, afirmando o físico que o Universo não tem uma criação ou início, uma vez que a matéria está em constante formação. No início dos anos 70, observações incluindo a descoberta da "radiação de fundo" na década anterior, confirmaram a teoria do "Big Bang", desestabilizando as conclusões de Hoyle⁸. O que corroborou com a ideia de uma causa para a formação do Universo.

Ficam as questões: a Ciência acredita na criação de condições excepcionais para a existência das coisas, por que não admite que esta criação seja oriunda de Deus? Os filósofos também congridam a ideia da existência de um ser criador e organizador das coisas, mas afirmam que este ser é Deus? Os espiritualistas incentivam a existência de um Ser criador e único para todas as coisas, mas por que dificultam a comprovação científica desse pensamento com suas 'crenças' intransponíveis? Onde o orgulho material dos homens interfere em suas declarações sejam espirituais ou científicas? Afirmo que a harmonia entre essas duas ordens de pensamento é necessária para a evolução da humanidade, e estará mais próxima quando existir mais tolerância entre os homens para eliminar, dentro das suas enormes dificuldades, o orgulho e o egoísmo impregnado no ser humano.

5 ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

“Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas; não vim destruir, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a Terra passem, de modo

⁷Ver William Lane Craig - CRAIG, William Lane. *O argumento cosmológico kalam*. 2015. Disponível em: <www.reasonablefaith.org/artigos/artigos-de-divulgacao/o-argumento-cosmolologico-emkalam/>, acessado <http://www.reasonablefaith.org/portuguese/o-argumento-cosmolologico-kalam#_edn1> em 15/5/2018 às 16hs.

⁸Ver artigo Fred Hoyle (27 de agosto de 2001) do Professor da Universidade Federal de Minas Gerais, Renato Las Casas, astrônomo que desde março de 2010 divulga suas ideias científicas no programa semanal "Universo Fantástico" da Radio Inconfidência AM. Artigo disponível e acessado em 16/5/2018 às 15hs <<http://www.observatorio.ufmg.br/pas34.htm>>.

nenhum passará da lei um sói ou um só til, até que tudo seja cumprido”. (BÍBLIA, Mt. 5:17/18 – 2014, p.308).

Jesus não veio até nós para destruir a lei. Mostrou-nos através do amor que as leis divinas são imutáveis e que sua inexorabilidade é a certeza da nossa evolução moral e física. Essas leis foram demonstradas pelo Cristo Mestre como possíveis de serem seguidas e desenvolvidas segundo nossas necessidades e condições. O amor que Jesus nos exemplificou é o alimento para a harmonia e adiantamento da humanidade, atendendo os princípios dos deveres que temos com o Pai criador e com o próximo.

Ao cumpriras leis divinas o homem compreende o que precisa e está em sua volta, mas seu egoísmo e orgulho o prende ao personalismo que sustenta e determina as diversas guerras que a humanidade vivencia, em especial aquelas definidas pelas divergências de ideias. Digo guerra de ideias e pensamentos, pois o homem não cede, em sua redoma, num pedestal de ignorância do que seja o verdadeiro amor ao próximo, absorvido pela sua crença ideológica, seja espiritualista ou cientificista. A harmonia não existe diante dessa singularidade predominantemente egoística.

Segundo o Michaelis, Ciência é: “o ramo de conhecimento sistematizado como campo de estudo ou observação e classificação dos fatos atinentes a um determinado grupo de fenômenos e formulação das leis gerais os regem” (MICHAELI, 1998, p.497). Acrescentando ao que vimos anteriormente⁹ sobre a definição de Religião, anotamos que essa arte, a ciência, também é “considerada obrigação moral ou dever sagrado indeclinável” (MICHAELIS, 1998, p.1810). Com estas duas conceituações sobre as ideologias abordadas aqui, podemos inferir a conclusão que a regência, a formulação, o dever e a dependência, tanto científica como religiosa dos seus resultados estão vinculados ao criador de todas as coisas, Deus. Logo a harmonia existe em seus propósitos intrínsecos e singulares.

Mas o homem tem propósitos pessoais e ambiciosos que o afastam dessa harmonia do amor divino expresso pelos ensinamentos de Jesus, que não nos disse tudo de uma só vez já que não estávamos aptos ao entendimento, mas nos prometeu um ‘consolador’ que nos traria o conhecimento das coisas de Deus. Para isso o Mestre nos antecipou que deveríamos “observar seus mandamentos”, que são consolidados primordialmente no de “amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a si mesmo”, Lei Divina que rege todas as coisas.

⁹ Ver item 2 deste trabalho, cientificismo e espiritualismo.

A lei de amar ao próximo como a si mesmo compreende a lei de causa e efeito lembrada por Paulo: “Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará”¹⁰ (BÍBLIA, 2014, p.661), e é também apresentada com pujança por Kardec nos itens que compõem o capítulo V de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. (KARDEC, 2005a, pp.117 a 153).

Esta ação e reação, imbricadas pela lei natural de Deus, só foi entendida e explicada cientificamente no século XVII por Isaac Newton quando apresentou, entre três, a sua terceira lei física de ação e reação: *À toda ação há sempre uma reação oposta e de igual intensidade*. Para esta lei, a considerada harmonia entre a espiritualidade e a ciência só aconteceu, se é que foi entendida harmonicamente, ou pelo menos evidenciada sua proximidade racional por palavras e atos distintos, com um intervalo de mais de mil e seiscentos anos. É a ciência seguindo os passos da espiritualidade através dos tempos.

Reconhecemos que a humanidade, representada pelas culturas, possui uma expressão religiosa que a mantém unida sob o olhar único de um Deus de amor, mas que o homem a separa em grupos ideológicos tanto nas suas crenças científicas como nas espiritualistas. O amor à sabedoria apresentado por Sócrates a mais de dois mil e trezentos anos já trazia em sua matriz ideológica a harmonia entre os homens conduzidos pela lei da causa e efeito.

Portanto, para harmonizar a espiritualidade e a ciência, os homens que as pensam e estudam necessitam lembrar que tudo o que existe está subjugado às leis divinas que são representantes máximas da lei de causa e efeito, Lei de Deus que rege a vida material e espiritual do Universo. Ao observarmos a hora num relógio, temos a noção que alguém o idealizou, alguém produziu suas peças, alguém o montou, alguém acertou seus ponteiros, ou seja sempre a um alguém por traz do relógio. Quando olham para a Natureza, os estudiosos buscam explicações para os efeitos nela vistos, a luz, o vento, o clima, a fauna e a flora. Para a maioria das coisas o homem vai encontrando egoisticamente as causas, mas lhe falta a percepção de que tudo existe harmonicamente devido à inteligência suprema, causa primeira de tudo, Deus.

Essa harmonia existe entre o espiritual e o material, mas ainda está aquém da compreensão de inúmeros pesquisadores que buscam apenas o enriquecimento ou reconhecimento de seus títulos através das suas singularidades. “Deus não se mostra,

¹⁰ Μὴ πλανᾶσθε, Θεὸς οὐ μυκτηρίζεται. ὁ γὰρ ἐὰν σπείρη ἄνθρωπος, τοῦτο καὶ θερίσει. Texto original em grego, traduzido por Russell Norman Champlin.

mas se revela pelas suas obras” (KARDEC, 2005, p.74), assim deveriam agir os cientistas e o espiritualistas, com a perspectiva de horizontes mais próximos entre suas ordens de pensamento. Como lembrei na introdução, os pontos comuns existem, só se faz urgente conduzi-los à percepção da sua causa inteligente e única, harmonizando-os em Deus.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. (2017). *Suma Teológica*. Disponível em: <<https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>>. Acessado em 15/5/2018 às 19hs.

BÍBLIA. (2014). *O Novo Testamento Interpretado – Versículo por Versículo*. Russel Norman Champlin. (Seis volumes). São Paulo: Hagnos.

CHAGAS, Aécio Pereira. (2004). *Introdução à ciência espírita*. São Paulo: Lachâtre.

CRAIG, William Lane. (2015). *O argumento cosmológico kalam*. Disponível em: <https://pt.reasonablefaith.org/artigos/artigos-de-divulgacao/o-argumento-cosmológico-emkalam-em/> acessado em 16/5/2018 às 14h20m.

ISAACSON, W. (2007). *Einstein: Sua Vida, Seu Universo*. Tradução de [Celso Nogueira](#), [Isa Mara Lando](#), [Fernanda Ravagnani](#) e [Denise Pessoa](#). Rio de Janeiro: Cia. das Letras.

KARDEC, Allan. (2005). *A Gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.

_____. (2005a). *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.

_____. (2005b). *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.

_____. (2005c). *O Que é o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.

MICHAELIS (1998). *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos.

MORA, José Ferrater. (2001). *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobral, Marcos Bagno e Nicolás Nyimi Campanário. (Quatro volumes). São Paulo: Edições Loyola.

PESSINI, Leocir e BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de. (2008). *Problemas Atuais de Bioética*. São Paulo: Edições Loyola.

SOLOMON, Grant e Jane. (1999). *O Experimento Scole*. Tradução de Henrique Amat Rêgo Monteiro. São Paulo: Masdras.

(Recebido em março de 2018; aceito em abril de 2018)